
O monumento megalítico da I Idade do Ferro do Monte da Tera (Pavia, Mora): Sectores 1 e 2¹

LEONOR ROCHA*

R E S U M O Identificado em 1996, o conjunto megalítico do Monte da Tera, veio a revelar a existência de um alinhamento (Sector 1) e de uma necrópole (Sector 2), a cerca de 100 m do primeiro. Os materiais recolhidos apontam para uma cronologia genericamente enquadrável dentro da I Idade do Ferro (séc. VII-V a. C.).

Até ao presente, a relação cronológica entre os menires e a necrópole não se encontra cabalmente estabelecida, embora, por várias razões, seja de supor uma efectiva contemporaneidade.

A B S T R A C T The megalithic complex of Monte de Tera was discovered in 1996. The site includes an alignment of menirs (Sector 1) and a necropolis (Sector 2), about 100 m far from each other. The archaeological assemblage indicates that the site approximately dates to the 1st Iron Age (7th-5th century BC).

The chronological relationship between the menirs and the necropolis is not clearly established so far, though various data point to their probable contemporaneity.

1. Introdução

O conjunto “megalítico” do Monte da Tera, Sectores 1 e 2, implanta-se numa lomba aplanada que se desenvolve paralelamente à Ribeira de Tera (a cerca de 550 m) e que constitui a principal linha natural de trânsito que conduz ao dois únicos povoados sidéricos conhecidos na região.

Estes *habitats*, identificados por Manuel Calado e pela signatária, implantam-se, por sua vez, na margem direita da Ribeira de Tera, um deles, numa área sem condições naturais de defesa, onde se destacam grandes afloramentos graníticos, nas imediações do Monte da Herdade (a cerca de 1,5 km da necrópole) e o outro, num esporão sobre a mesma Ribeira, este já com alguma defensabilidade natural (a cerca de 2,5 km da necrópole).

A localização geográfica do sítio corresponde às coordenadas 1° 9' 32" W e 38° 53' 26" N (Sector 1) e 1° 9' 40" W e 38° 53' 32" N (Sector 2) referentes à Folha 409 Pavia (Mora), da Carta Militar de Portugal, na escala 1:25 000.

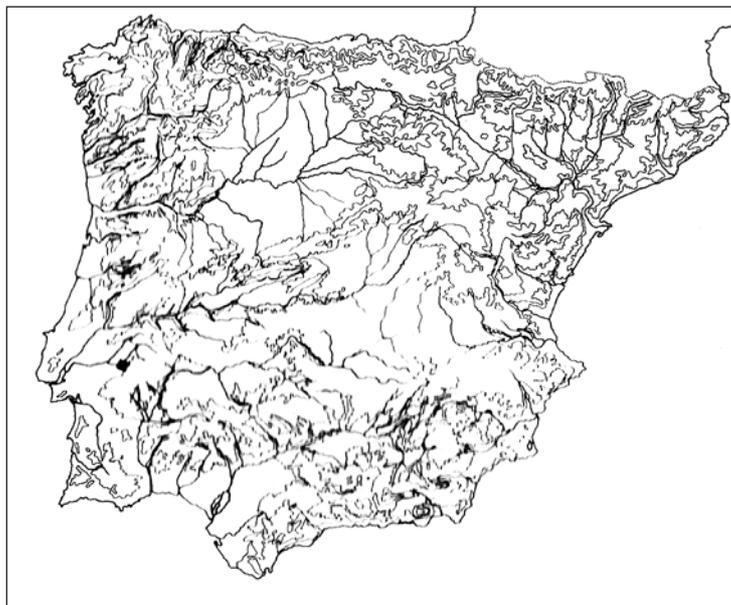


Fig. 1 Localização do monumento “megalítico” do Monte da Tera.

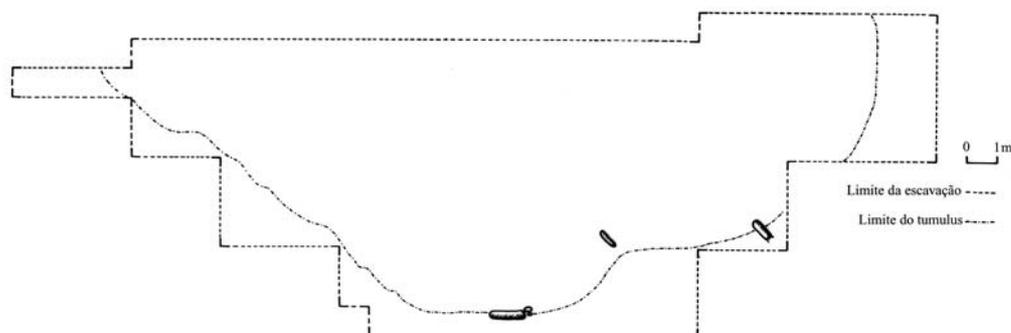


Fig. 2 Planta esquemática do Sector 2, no final dos trabalhos de 2001.

Administrativamente, a Herdade do Monte da Tera insere-se na freguesia de Pavia, concelho de Mora, distrito de Évora, e o acesso faz-se a partir da estrada que liga Pavia a Avis, cerca do km 41, por um caminho de terra batida que conduz ao monte.

2. Metodologia da escavação

O conjunto megalítico do Monte da Tera foi identificado, em 1996, pela signatária e por Manuel Calado, no decurso de prospecções de carácter selectivo. A existência de cinco monólitos, à superfície, todos tombados para Sul e dispostos em linha recta, levou-nos de imediato a classificá-lo como um alinhamento, supostamente pré-histórico, apesar de não se conhecerem quaisquer paralelos bem definidos, na Península Ibérica.

O nosso objectivo ao iniciar a escavação era confirmar e caracterizar o alinhamento de menires (Sector 1) e, posteriormente, tentar compreender a sua relação com os outros menires (Sector 2)

existentes, a cerca de 100 m, e dispersos no terreno de uma forma aparentemente caótica (alguns deles amontoados).

As campanhas realizadas permitiram, por um lado, confirmar cabalmente o alinhamento de menires e o excelente estado de conservação das estruturas de implantação dos mesmos, e, por outro, identificar uma necrópole, junto ao segundo conjunto de menires, cronologicamente atribuível à I Idade do Ferro (séc. VII-V a.C.).

3. Escavação

A. Sector 1

A escavação realizada, em 1996, no Sector 1 (Rocha, 2000) revelou a existência de um alinhamento de cinco menires, cujos alvéolos estavam inseridos numa estrutura pétrea tipo “calçada”. Esta estrutura era constituída por pedras de diferentes tamanhos e composições (xisto, quartzo, quartzito e granito) e encontrava-se muito bem conservada, à excepção de uma pequena área (quadrados I e H 12), onde, provavelmente devido à acção da maquinaria agrícola, se apresentava menos definida. Durante os trabalhos de escavação detectaram-se mais quatro alvéolos, pelo que o alinhamento deveria ter sido constituído inicialmente por nove menires.

Os materiais arqueológicos recolhidos foram muito escassos, resumindo-se a fragmentos de cerâmica de roda e manual, um fragmento de um dormente, um fragmento proximal de lamela de sílex e um fragmento de quartzo hialino. A presença de materiais pré-históricos e a cronologia normalmente atribuída aos menires levou-nos a classificá-los, inicialmente, como pré-históricos, sendo as cerâmicas de roda atribuídas a perturbações posteriores. No entanto, a continuação da escavação no Sector 2 trouxe novos elementos que nos obrigaram a rever a cronologia inicialmente proposta.

B. Sector 2

Terminada a escavação e o restauro do Sector 1, o nosso objectivo principal foi a confirmação da aparente conexão entre os dois sítios, indiciada por os menires serem morfologicamente semelhantes e reforçada pelo facto de o segundo conjunto se localizar no prolongamento da linha formada pelo primeiro. Assim, com base na linha média dos menires do Sector 1, NW-SE (135° – 315°), prolongada até à área onde jazia a maior parte dos menires do Sector 2, marcaram-se, entre os dois sectores, cinco sondagens equidistantes.

Enquanto as quatro primeiras não forneceram quaisquer dados arqueológicos, a quinta sondagem, marcada nas proximidades dos menires amontoados, revelou, logo a escassos centímetros de profundidade, a existência de uma carapaça pétrea (*tumulus*) que, em alguns locais, aflorava à superfície e na qual se devem encontrar inseridos a maioria dos enterramentos (o nº 3 encontra-se no limite exterior desta estrutura).

Entre as pedras começaram, desde logo, a aparecer fragmentos de cerâmica de roda e manual associados a restos osteológicos humanos, sugerindo que se tratava de uma necrópole de incineração.

Esta sondagem foi alargada, em fases sucessivas, com o objectivo de definir os limites da estrutura. Optou-se por uma estratégia de intervenção em área, tendo, no entanto, sido efectuada uma pequena sondagem de 1 m x 1,5 m, em que a carapaça pétrea foi desmontada com o objec-

tivo de se obter uma noção da estratigrafia e da própria relação entre os enterramentos e a estrutura. Ao fim de três curtas campanhas de escavação, tinha sido aberta uma área de cerca de 120 m², não se tendo detectado, com clareza, nenhum alvéolo de implantação dos monólitos nem nenhuma estrutura organizada relacionável com os enterramentos.

Por outro lado, esta estrutura foi parcialmente danificada pelo caminho que conduz ao actual Monte da Tera, o qual a corta, aparentemente, no sentido longitudinal e terá sido responsável pelo deslocamento dos menires da sua posição original.

B.1. Os enterramentos

O Enterramento 1 foi identificado por acaso quando se procedia à remoção de alguns fragmentos de cerâmica existentes entre o empedrado. As urnas encontravam-se completamente embutidas na carapaça pétreia, entre a U.E.2 e a U.E.3, não se tendo conseguido identificar qualquer estrutura organizada nem perceber claramente se existia ou não um covacho; no entanto, note-se que um dos vasos se encontrava parcialmente abaixo da cota de base do empedrado.

O que se encontrou no interior das duas urnas reduzia-se a uma mistura de ossos carbonizados e cinzas, juntamente com fragmentos de cerâmica e as armas e adornos que acompanhavam o morto. Os materiais metálicos encontram-se em muito mau estado de conservação, sobretudo os de ferro, que apresentam um elevado grau de corrosão.

Os ossos aparecem, regra geral, muito carbonizados e em fragmentos de pequenas dimensões. A análise antropológica, realizada pela Dr.^a Cidália Duarte não permite supor a existência de mais de um indivíduo, neste enterramento, apesar de os ossos se repartirem por duas urnas, configurando uma prática ritual sem paralelos conhecidos nas escassas necrópoles genericamente contemporâneas da região (Hernández Hernández, 1991). No entanto, deveremos ter em conta que se manipulam dados eventualmente distorcidos pela cremação.

Também não foi possível determinar o sexo e a idade, apesar de aparentemente se tratar de um indivíduo adulto.

Neste enterramento, composto por 2 urnas e duas taças e um pote, dispostos lado a lado, na posição vertical, todo o espólio votivo estava depositado no interior das 2 urnas, à excepção do fragmento de osso decorado, que se encontrava numa das taças.

Descrição do espólio do **Enterramento 1**:

• Urna 1

Cerâmica comum, de fabrico manual, de fundo plano, muito fragmentada, mas em bom estado de conservação. Cor castanha escura. Não foi passível de restauro integral, tendo sido recuperado apenas até metade do bojo.

D. Ø bojo: 24,6 cm

Análise Osteológica da Urna 1:

1. Fragmento de rádio (extremidade proximal)
2. 2 fragmentos de costela
3. 6 fragmentos de vértebras
4. 6 fragmentos de úmero
5. Fragmentos de calote craniana

- Urna 2

Cerâmica fina de roda, com o bordo fragmentado no interior, de fundo côncavo. Cor amarelada. Pasta muito mal conservada, o que impede uma análise do seu tratamento exterior. Foi integralmente restaurada.

D. Ø Boca: 23,6 cm. Altura: 33,1 cm

Análise osteológica da Urna 2:

1. Fragmentos de um úmero adulto
2. Fragmentos de costela
3. 4 fragmentos de raízes de dente uni-radicular
4. 2 fragmentos de íliaco
5. Fragmento de maxilar inferior
6. Fragmento de falange proximal do dígito I do pé
7. Fragmento de omoplata
8. Fragmentos de calote craniana
9. Fragmento de astrágalo
10. Fragmentos de vértebra
11. Fragmentos de osso longo
12. Fragmento de omoplata
13. Fragmentos de rádio e cúbito
14. 3 raízes de dentes uni-radiculares
15. 4 fragmentos de ossos do carpo

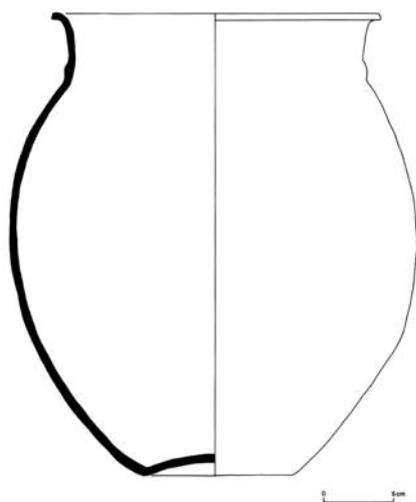


Fig. 3 Urna 2 do Enterramento 1.

- Taça 1

Cerâmica fina de roda. Cor amarelada. Pasta muito mal conservada o que impede uma análise do seu tratamento exterior.

D. Ø boca: 23 cm. Altura máx. conservada: 15 cm.

- Taça 2

Muito fragmentada e em mau estado de conservação.

- Pote
Cerâmica fina de roda. Pasta muito mal conservada o que impede uma análise do seu tratamento exterior.
D. Ø boca: 22 cm
- Fíbula de bronze.
- 2 objectos de ferro, aparentemente facas.
- 1 fragmento de alfinete de cabeça em osso.

O Enterramento 2 encontrava-se ao lado do Enterramento 1, à superfície da U.E. 2.

Apresenta características diferentes que poderão traduzir uma diferença não só nos rituais de enterramento, como também cronológica (Almagro Gorbea, 1991, p. 163). De facto, os ossos humanos não se encontravam dentro de nenhuma urna mas, aparentemente, apenas delimitados por pedras que formavam uma área arredondada (Ø 45 cm).

A construção de pequenos *busta*, que seriam cobertos por pedras granulometricamente diferentes, como se encontra em Medellín (Almagro Gorbea, 1991), poderá explicar a presença de pequenos blocos de quartzo e quartzito em alguns locais desta estrutura.

Segundo a análise preliminar realizada pela antropóloga, Dr.^a Paula Gunzburg, trata-se de um duplo enterramento, um adulto e um feto/ou criança recém nascida.

Descrição do espólio do **Enterramento 2**:

- Fragmentos de um objecto de ferro, muito alterado.
- Alguns, raros, fragmentos de cerâmica.

O Enterramento 3 (?) foi detectado na extremidade Este da estrutura, já fora dos seus limites (U.E.6). Pode tratar-se de um terceiro tipo de ritual uma vez que não aparecem quaisquer pedras mas apenas uma grande mancha negra, de dimensões ainda não determinadas.

Descrição do espólio do **Enterramento 3**:

- Ossos humanos.
- 1 fragmento de ferro, muito alterado.
- Fragmentos de cerâmica em muito mau estado de conservação.
- 1 fragmento de uma peça de pasta vítrea bicromática, provavelmente de um anforisco ou *alabastron* (com paralelos atribuíveis aos sécs. VII-VI a.C.).

A observação superficial da necrópole permite admitir que, em algumas áreas, existam eventuais estruturas de planta mais ou menos quadrangular que poderão, por hipótese, corresponder a outros enterramentos. Por outro lado, a extensão e densidade de pedras na área central, permite supor a existência de vários enterramentos. Aparentemente, mantém-se o mesmo tipo básico de ritual funerário, a cremação.

Note-se que, nas áreas periféricas da estrutura, continuam a aparecer, à superfície, fragmentos de ossos humanos e materiais arqueológicos.

Os fragmentos de cerâmica que se encontram superficialmente poderão corresponder a oferendas depositadas, posteriormente, nas sepulturas tal como se verificou em Medellín (Almagro Gorbea, 1991, p. 161) ou à destruição, pelos trabalhos agrícolas, de alguns dos enterramentos mais superficiais.

Atendendo a algumas limitações orçamentais, o nosso objectivo fundamental tem sido o de delimitar horizontalmente a área conservada da necrópole, através da decapagem da camada superficial, numa primeira fase, de modo a obter-se a sua planta geral.

Numa segunda fase, e após o registo conveniente de toda a estrutura pétreo, procurar-se-á localizar e caracterizar os diversos tipos de enterramentos e a relação entre estes, a estrutura pétreo e os monólitos.

Não se encontrou, até ao momento, o local (ou locais) onde se realizaria a cremação dos cadáveres, apesar de normalmente este processo ocorrer num local próximo da necrópole. A resolução desta questão deveria passar, logo que possível, pela realização de prospecção geofísica nas imediações.

4. Os materiais

4.1. Cerâmicas

Os fragmentos de cerâmica encontrados até ao momento, quer no meio da estrutura, quer associados ao Enterramento 1, são feitos maioritariamente a torno, havendo também alguns manuais (caso da Urna 1).

Não se identificou nenhum fragmento decorado ou pintado mas o seu mau estado de conservação leva a que muitos deles apresentem as superfícies corroídas, o que, naturalmente, impede uma análise aprofundada do tratamento da superfície destas vasilhas.

4.2. Fíbulas

Até ao momento apenas se recolheram 2 exemplares, um associado ao Enterramento 1 e o segundo, no empedrado.

4.3. Objectos de ferro

O elevado grau de deterioração dos objectos de ferro encontrados, impede-nos de classificar com exactidão os objectos encontrados. No entanto, parecem existir fragmentos de ponta de lança e de facas.

4.4. Vidros

Numa das áreas exteriores à carapaça pétreo (U.E.2) associado à mancha que designámos como Enterramento 3, com um ritual diferente, apareceu um fragmento de vidro, tricolor, de um anforisco ou *alabastron*. Trata-se do único material claramente importado encontrado até agora nesta necrópole.

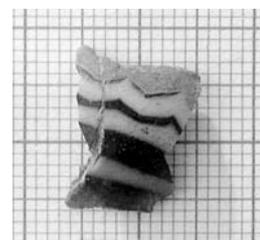


Fig. 4 Vidro do Enterramento 3.

5. As conclusões possíveis

As curtas campanhas realizadas permitem-nos colocar algumas hipóteses interpretativas, deixando, naturalmente, muitas questões ainda em aberto.

Em primeiro lugar, é importante ter em conta a inexistência de paralelos claros para o conjunto do Monte da Tera, em que uma necrópole da Idade do Ferro aparece associada a monólitos morfológicamente afins dos menires pré-históricos, levantando interrogações que a investigação sobre ambos os temas não tinha, até agora, sequer formulado.

No entanto note-se que se conhecem algumas situações em que se verifica, na Península Ibérica, a prática de assinalar enterramentos de incineração, da Idade do Ferro, com estelas alinhadas em fiadas como acontece, por exemplo, na necrópole de La Osera (Ciudad Real) (Aguilera Gamboa, 1916), e como poderão ser os casos, eventualmente, do “recinto megalítico” de S. Cristóvão (Resende) ou do pequeno alinhamento de menires descoberto por Berrocal Rangel, nas proximidades do povoado sidérico de Cantamento de Pepina (Fregenal de la Sierra).

Uma outra situação, certamente distinta, é a da relação entre o menir da Belhoa e a necrópole da I Idade do Ferro escavada por M. Varela Gomes (1997) nas proximidades ou ainda a relativa contiguidade entre a necrópole sidérica das Casas e alguns pequenos menires, ainda inéditos, descobertos nas imediações.

Por último, assinala-se que também no caso do recinto megalítico e do menir do Tojal, foram encontrados, segundo informação oral de Manuel Calado, materiais da Idade do Ferro em associação espacial com os monumentos pré-históricos.

Fora do contexto geográfico peninsular, é de referir a extraordinária semelhança entre o conjunto de Pavia e o sítio de Fossa, na Itália Central, onde numa necrópole de inumação, da I Idade do Ferro, aparecem alinhamentos de 9, 10 menires, com tamanhos decrescentes, apontando para *tumuli* funerários.

Por outro lado, o contexto eminentemente megalítico, com várias antas e sepulturas a escasas centenas de metros do monumento em estudo e, sobretudo, um recinto megalítico, constituído por menires morfológicamente distintos, a cerca de 2 km (Monte das Figueiras/Vale d'El Rei), coloca-nos algumas dúvidas sobre a cronologia, ou cronologias, deste monumento.

No estado actual da investigação apenas podemos constatar que existe uma inequívoca associação entre os menires e a necrópole. No entanto, duas hipóteses são possíveis:

Hipótese 1

Os menires são pré-históricos e foram reutilizados na Idade do Ferro. A reutilização de menires pré-históricos, parece ter alguns paralelos no Bronze final e na Idade do Ferro, tanto no caso de algumas das chamadas estelas do Sudoeste como de estátuas-menires.

A reutilização poderia dizer respeito apenas aos menires, reorganizados na Idade do Ferro de uma forma distinta da original ou ao próprio alinhamento (Sector 1) e à estrutura em que se integrariam os restantes monólitos (Sector 2); nesta última variante, a necrópole teria apenas aproveitado o espaço demarcado pelo monumento (ou monumentos) preexistentes.

Hipótese 2

Os menires são contemporâneos da necrópole. Neste caso, estaríamos apenas perante a reutilização de um espaço ritual pré-histórico, onde os monumentos neolíticos (antas, sepulturas, cromeleque) não podem ter passado despercebidos e terão eventualmente sido reinterpretados e integrados num espaço funerário que se “inspirou” na monumentalidade preexistente.

A confirmação de uma destas hipóteses passa, naturalmente, pelo estudo integral da necrópole, de modo a compreender-se a sua relação espacial com os menires; nas campanhas de 2000 e 2001, foram descobertos três pequenos menires, localizados nos limites da carapaça tumular, pelo que, aparentemente, se acentua a semelhança com a referida necrópole de Fossa (L'Aquila, Abruzzi), assim como pela revisão de alguma da informação respeitante aos menires, cuja cronologia pré-histórica não suscitava, até agora, grandes hesitações.

Por outro lado, para além de se tentar afinar as cronologias deste monumento importa também perceber-se as diversas questões rituais e sociais relacionadas com as práticas funerárias detectadas.

Note-se que a I Idade do Ferro no Alentejo Central se tem vindo a revelar, nos últimos tempos, um fenómeno de uma intensidade insuspeitada, particularmente na sequência dos trabalhos do Alqueva e não só, embora, até agora, a informação coligida se reporte, quase exclusivamente, a sítios de habitat; a “invisibilidade” deste tipo de necrópoles na paisagem é, naturalmente, o principal factor desta escassez, o que reforça a importância do estudo da necrópole da Tera que, se não fosse a presença dos menires, teria sido muito dificilmente detectável.

De facto, a forma aparentemente ovalada desta estrutura era totalmente imperceptível antes da escavação uma vez que são escassas as pedras, de pequena dimensão, que afloram à superfície. Também a este nível, da descodificação da morfologia original do monumento, subsistem muitas interrogações dado que não se conhecem paralelos a nível Peninsular. A estrutura tumular desta necrópole é extensa e não apresenta nenhuma linha periférica bem definida. Este caos de pedras parece servir apenas para cobrir os enterramentos. Se, em algum momento elas tiveram uma organização identificável, à superfície, perdeu-se certamente com a acção dos trabalhos agrícolas.

Ao contrário dos túmulos de “Las Guijas” (Fernández Gómez, 1997), em que existem uma série de montículos de pedras, de áreas relativamente reduzidas e com poucos enterramentos, a necrópole do Monte da Tera apresenta um *tumulus* bastante extenso, onde poderão, de acordo com os dados actualmente disponíveis, estar inseridos numerosos enterramentos.

NOTAS

- * IPA – Extensão do Crato
Investigadora da UNIARQ (FLL)
Doutoranda na FLL.
- ¹ Comunicação apresentada no II Congreso Español de Estudios del Próximo Oriente. (Oriente e Occidente. De las primeras sociedades productoras a comienzos de la romanización), Cádiz e El Puerto de Santa Maria, 24 a 27 de Janeiro de 2001.

BIBLIOGRAFIA

- AGUILERA GAMBOA, J.L. (1916) - *Páginas de la Historia Patria por mis excavaciones arqueológicas*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional (Inédito). T.III
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1991) - La necrópolis de Medellín. *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres, II, p. 159-173.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. (1997) - *La Necrópolis de la Edad del Hierro de “El Raso” (Candeleda. Ávila) “Las Guijas, B”*. Valladolid: Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura (Arqueología en Castilla y León: Memorias; 4).
- GOMES, M. V. (1997) - Anta da Belhoa (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados da campanha de escavações de 1992. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz. História e Património*. Vila Viçosa.1, p. 39-69.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F. (1991) - Las necrópolis del poblado de Villasviejas (Cáceres). *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres, II, p. 255-267.
- ROCHA, L. (2000) - O monumento megalítico da Idade do Ferro do Monte da Tera - Pavia (Portugal). In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. “Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica”*. Porto: ADECAP, III, p. 521-527.